



Divisão política

# Serviço militar para ultraortodoxos ameaça derrubar governo de Israel

— Suprema Corte israelense decide cortar subsídios de estudantes da Torá e contraria partidos religiosos, que ameaçam abandonar a coalizão de Binyamin Netanyahu

TEL-AVIV

Nem a guerra em Gaza, nem os casos de corrupção. O que pode derrubar o primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, é uma lei que obriga os judeus ultraortodoxos a servirem o Exército. A Suprema Corte ordenou o fim dos subsídios aos jovens religiosos que passam o tempo estudando a Torá, uma decisão que pode fraturar a coalizão de governo.

Embora a Suprema Corte não tenha decidido diretamente sobre a obrigatoriedade do serviço militar, ela acabou com os subsídios aos ultraortodoxos em uma ação que argumentava que a isenção é discriminatória. Assim, a procuradora-geral de Israel, Gali Baharav-Miara, escreveu em um despacho para o tribunal que não via bases legais para adiar o recrutamento universal.

O problema de Netanyahu é que parte de seu gabinete é a favor da obrigatoriedade do serviço militar para os judeus ultraortodoxos, principalmente os ministros nacionalistas, que citam a necessidade de mais soldados para lutar na guerra em Gaza.

No entanto, outra parte da base de Netanyahu, formada pelos partidos religiosos — Shas e Judaísmo Unido da Torá (UTJ) —, são contra. Se eles se retirarem do governo, Israel terá de convocar novas



Israelenses protestam em Jerusalém contra isenção do serviço militar para judeus ultraortodoxos

eleições e o premiê, com a popularidade baixa, dificilmente seria reeleito.

**AMEAÇA.** A decisão foi tomada após uma série de atrasos por parte do governo na apresentação de uma proposta à Suprema Corte para resolver a questão dos ultraortodoxos, que historicamente sempre foram isentos do serviço militar.

A Suprema Corte deu ao governo até segunda-feira para apresentar um novo plano e até 30 de junho para aprová-lo no Parlamento. Na quinta-feira, Netanyahu solicitou uma nova prorrogação de 30 dias, mas o tribunal negou.

O serviço militar é um ritual quase sagrado em Israel. Menos para os ultraortodoxos, parcela cada vez mais influente e a que mais cresce no país — a média é de 6,6 filhos por casal. Mais de um quinto dos estudantes israelenses já são ultraortodoxos e, até o fim da década, eles devem compor cerca de 16% da população total.

Desde a fundação de Israel, o Estado concede uma isenção do serviço militar para os ultraortodoxos, que têm permissão para continuar estudando a Torá em tempo integral e viver com uma generosa ajuda de custo. No entanto, os seis meses de guerra em Gaza com mais de

**“Nós precisamos de novos braços imediatamente. É uma questão de matemática, não de política”**

**Yoav Gallant**

Ministro da Defesa de Israel

500 soldados mortos uniram governistas e opositores para acabar com o privilégio.

Benny Gantz, um dos maiores rivais de Netanyahu, que

aceitou fazer parte do gabinete de guerra, disse que renunciaria se a isenção não fosse suspensa. Ontem, ele elogiou a decisão do tribunal.

Os defensores do serviço militar para todos incluem o ministro da Defesa, Yoav Gallant, e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, político que mistura extremismo religioso com nacionalismo.

Para a ala secular do governo, a guerra sem data para terminar sobrecarrega a mão de obra e aumenta a pressão por um recrutamento mais equitativo. “Precisamos de novos braços imediatamente”, reclamou Gallant. “É uma questão de matemática, não de política.”

**CRÍTICAS.** Ontem, representantes dos partidos ultraortodoxos criticaram a decisão da Suprema Corte. Aryeh Deri, líder do Shas, chamou a sentença de “bullying contra os estudantes da Torá no Estado judeu”. “É a marca de Caim”, afirmou Deri, usando como referência a maldição bíblica.

Muitos líderes ultraortodoxos têm repetido que preferem ir para a cadeia do que para o Exército. Na semana passada, o rabino-chefe sefardita, Yitzhak Yosef, disse que os ultraortodoxos deixariam Israel em massa se a isenção não fosse renovada. Em carta à Suprema Corte, na quinta-feira, Netanyahu pediu mais tempo, mas a paciência dos magistrados parece ter se esgotado. ● NYT, AP e AFP

## Ataque israelense mata 40 na Síria, incluindo membros do Hezbollah

BEIRUTE

Cerca de 40 soldados sírios e combatentes do grupo radical xiita Hezbollah morreram em um bombardeio israelense em Aleppo, na Síria, na madrugada de ontem, informou a ONG Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH). O Exército israelense não comentou o ataque, mas anunciou a morte de um líder do Hezbollah, Ali Naim, em uma operação mili-

tar no Líbano.

Segundo a OSDH, que tem sede no Reino Unido e conta com uma ampla rede de fontes na Síria, o ataque foi direcionado a depósitos de mísseis do Hezbollah. A ONG acrescentou que nenhum ataque de Israel havia sido tão mortífero contra soldados sírios quanto esse desde o início do conflito contra o Hamas na Faixa de Gaza, em 7 de outubro.

A guerra no território palestino, iniciada após o Hamas in-

vadir Israel e matar cerca de 1,2 mil civis, também colocou o Hezbollah em combate com as forças israelenses. Ontem, o grupo anunciou a morte de sete militantes, incluindo Ali Naim, mas não informou quando ou onde as mortes ocorreram.

O Hezbollah, que opera no Líbano, é aliado do Hamas, do regime sírio e do Irã, todos inimigos de Israel. Os combates do grupo contra as forças israelenses ocorrem na fronteira do

sul do Líbano e norte de Israel, mas os militares israelenses também têm realizado ataques na Síria. Há algumas semanas, Israel anunciou ter bombardeado 4,5 mil estruturas do grupo nos dois países desde que os conflitos começaram.

**RELATOS.** Uma fonte militar da Síria citada pela agência de notícias estatal Sana relatou “vários mortos e feridos, entre civis e soldados” nas posições do Exército sírio localizadas nos arredores de Aleppo. Fábricas que eram utilizadas pelo Ministério de Defesa da Síria e hoje estão sob o controle de grupos pró-Irã também foram atacadas, segundo a OSDH. Questionado sobre os rela-

tos, Israel afirmou que não comenta informações divulgadas por veículos de imprensa estrangeiros. Os militares israelenses costumam evitar assumir a autoria de bombardeios em países vizinhos. O

**Ataque mortal**  
**Israel não fez comentários sobre ataque na Síria, mas anunciou morte de líder do Hezbollah no Líbano**

porta-voz da chancelaria iraquiana, Naser Kanani, afirmou que o ataque foi uma “violação da integridade territorial da Síria e uma ameaça à paz e a segurança regional”. ● AFP